**RITUAIS PARA ENTRAR OU SAIR DA MODA**

**RITUALES PARA ENTRAR O SALIR DE MODA**

Andréa L. Portela\*

portela.andrea@gmail.com

Ludmila Brandão\*\*

ludbran@terra.com

Resumo:

Contra a idéia hegemônica de que a chamada indústria da moda “dita” modos de ser e se vestir, queremos afirmar que os sujeitos podem ser criadores a contrapelo das “imposições” midiáticas, porque esse mesmo repertório, tornado público, pode ser apropriado “selvagemente”, uma vez que permanece a possibilidade de combinações dos mesmos objetos estéticos da moda que escapam aos manuais de uso. Este texto pretende explorar procedimentos de ruptura consciente das “regras da moda”, reinventando para si um modo singular de ser e se vestir através das histórias e composições corporais de Beth e Davi.

Palavras-chave: Moda. Invenção. Interatividade.

Resumen:

En contra la idea hegemónica de que la llamada industria de moda “impone” maneras de ser y vestirse, afirmamos que las personas pueden ser creadoras a contrapelo de las imposiciones publicitarias, porque ese mismo repertorio, cuando público, puede ser tomado “salvajemente”, una vez que permanece la posibilidad de combinaciones de los mismos objetos de la moda que escapan a los manuales de uso. Este texto pretende explotar la posibilidad de ruptura consciente de las “reglas de moda”, reinventando para sí una manera singular de ser y vestirse a través de las historias de Beth y Davi.

Palabras clave: Moda. Invención. Interactividad.

\*Andréa L. Portela é pedagoga, designer de moda e mestranda do programa ECCO/UFMT.

\*\*Ludmila Brandão é arquiteta e historiadora, doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós doutorado em Crítica da Cultura pela Université d’Ottawa/Canadá. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea  da UFMT e do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (UFMT/CNPq). Autora de A catedral e a cidade (EdUFMT, 1995) e A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos (Perspectiva, 2002; 2008).

**Introdução**

****

Figura 1: Beth e Davi. Foto: Thais J. Castro

“Nós rimos da moda, não queremos estar

iguais a ninguém” (Beth e Davi, 2009).

Uma crise ronda a moda do século XXI: a corrida pelo lucro, pelas somas espetaculares, ameaça a capacidade de criação. As facilidades dos modelos enlatados na pressa exigida ao processo de criação, a definição das “tendências” atendendo a interesses exclusivamente econômicos sufocam os criadores e os transformam, à exceção de uns poucos, em pesquisadores capacitados em mascarar “cópias”, que não se assumem como tais, e são tratadas como referências[[1]](#footnote-1), numa dinâmica que parece ser insuficiente na fabricação incessante de novidades. O sociólogo Gilles Lipovetsky também alerta para uma diminuição de marcha. Afirma, com razão, que “a moda aberta é caracterizada pela autonomização do público em relação à idéia de tendência”, o que faz surgir uma dupla lógica: de um lado, as ofertas inconstantes e, de outro, a emancipação de um poder moderador entre os consumidores (2007:142). O ritmo acelerado que a indústria da moda impõe excede as condições econômicas reais da maioria dos consumidores que, por sua vez, convivem com formas alternativas de uso e de informação, tornando possível, a esses mesmos consumidores, superarem ou minimizarem o caráter impositivo dos padrões midiáticos, forjando para si um espaço múltiplo de opções.

 Se lembrarmos que o conceito matemático de moda é o do “valor que mais predomina”, se pode então afirmar que começamos a assistir, no campo da moda, ao paradoxal fenômeno de “estar na moda” saindo fora dela, ou seja, de quando o valor singular torna-se moda!

**Dinâmicas de modas e modos**

Entre as poéticas do vestir, seguimos os passos do casal Beth e Davi. Por onde andam atraem olhares de admiração e espanto, diante de uma maneira de se apresentar que desafia pudores e regras, apostando na alegria e na coragem de reinventarem suas imagens pessoais e sociais, seguidamente, principalmente através do vestuário.

Ao longo do processo de industrialização pode-se dizer que os ditames da moda acomodaram as mentes e os corpos. Hoje, na era pós-industrial, algumas fendas se abrem para discutirmos alternativas de personalização através das roupas, na contra corrente do que era tido como moda.

A história da moda consagra o século XX como o da democratização do vestir, graças a dois fatores principais: os meios de comunicação e a industrialização, onde a multiplicação de vestimentas tornaria possível decidirmos sobre nossa aparência como nunca antes havia sido possível[[2]](#footnote-2). Apesar dessa democratização num certo nível, existe um “jogo de forças” (Treptow, 2003) para determinar o que as pessoas devem ou não consumir num certo momento, acompanhando o ciclo temporal da moda.

Os conceitos de moda parecem reforçar a exploração publicitária ao classificar os “estilos de consumidores”. A cada perfil, destina-se um grupo de cores, de estampas, padrões, marcas e até atitudes. Poucos podem como Beth e Davi, afirmar: “nós rimos da moda, não queremos estar iguais a ninguém”.

Essa incapacidade da moda de se manter como timoneira como o foi no passado ainda recente da industrialização, deve-se em parte ao fato de hoje sermos menos coercitivos. A mobilidade do tempo está diante do que Maffesoli chamou de presenteísmo, do viver o aqui e agora como alternativa ao linearismo da modernidade (1996:189). “Engajados no movimento que a vida produz à nossa volta”, vamos provocando rupturas e “produzindo inesperados outros de nós mesmos”, na busca de estratégias que resistam ao “sedutor chamamento da lógica do mercado” (Preciosa, 2007:46). Classificar consumidores se tornou, então, um procedimento nebuloso e movediço, além de inócuo. Esse “caos” de incertezas e indefinições, características do mundo atual, é tratado por Rosane Preciosa como gérmen do novo e não como seu “fim apocalíptico”, palavras de Nelly N. Coelho, (2007:46).

Esse trabalho tomará o caso de Beth e Davi como exemplar para pensar o fenômeno bastante atual de singularização dos modos de vestir a contrapelo da moda, considerando entrevistas e material fotográfico, os dados coletados serão confrontados com os conceitos, dinâmicas e formas de uso da moda contemporânea.

Beth é educadora e cantora; Davi é projetista, pintor, compositor, poeta e escritor. Na fusão de linguagens nossos performers sempre se vestem com muitas cores, complementos e brilho, desta forma se despem dos elementos sugeridos/ditados pelos manuais de moda e, num processo de criação compartilhada, inventam modos próprios de vestir, nos fazendo pensar que o acoplamento corpo e roupa também pode ser uma “obra aberta”.

Eles se conheceram ainda muito jovens, participando de movimentos artísticos como teatro e música em plena efervescência dos anos 70. O namoro era colorido com presentes como colares de sementes que eles mesmos faziam. Com as constantes serenatas de Davi, Beth se acostumou a dormir com o rosto maquiado, como gosta de fazer ainda hoje. O espírito zombeteiro de Beth ignora a cosmética limpeza (e saudável, conforme os manuais de saúde e beleza) noturna da pele. Dormir parece ser para Beth igualmente um gesto estético.

No fim dos anos 80, envolvidos com a música e com os filhos crescidos, o irrequieto casal pode finalmente realizar diversas viagens, através das quais perceberam/conquistaram uma rara liberdade de diferenciarem-se no modo como compunham suas próprias roupas. Pode-se dizer que simultaneamente deram início a outra viagem muito particular, intensiva, que dispensa o deslocamento físico: “a de desbravadores de si” no “vasto mundo que permitem ressoar no corpo”, usando mais algumas palavras de Preciosa (2007:80). Essa atitude para com os modos de vestir está, curiosamente, em plena conformidade com os elementos que orientam a moda contemporânea e onde podemos estabelecer alguns paralelos com a arte.

Ter um estilo não faz mais sentido num espaço de misturas como o da moda. Já não há um lugar seguro para nos atracar e estabelecer definições, a busca do entendimento do que está próximo é sempre difícil, quanto mais quando somos partícipes dele e também quando admitimos nossa multiplicidade.

Se fossemos definir o estilo de nossos personagens deveríamos dizer, provavelmente, que se trata de uma mistura “afro-indiano-egipcio-hippie-cigano” ou qualquer nova nomenclatura que pudesse dar conta da profusão de informações. Um transbordamento de estilos, uma imagem exacerbada, como um tipo de atitude que se espalha nas pequenas situações vividas no cotidiano. Nossos personagens não cabem em clichês empobrecedores de nossas percepções domesticadas, disciplinadas, nem suportam os adjetivos ofertados em grande escala no mercado e que sufocam a nossa “multidimensionalidade”. “Sexy, sofisticada, madura, chique, sensível... (...) E quem dá mais?” (Preciosa, 2007:48). Parece-nos que o nosso casal configura essa espécie de espaço fomentador de “poéticas singulares”, conforme Rosane Preciosa, “ainda inclassificáveis”, e que “ainda não foram capturadas pelos padrões desgastados” (2007:49).

A moda deve ser pensada no âmbito da produção cultural e, dentro dela, do fenômeno da interação entre seus agentes, num processo que não cessa com a produção das peças do vestuário, mas que se recicla e se renova nas escolhas individuais, no ato de consumir, nos usos simbólicos que atribuímos a cada peça do guarda-roupa. São cada vez mais freqüentes as “contaminações” produzidas entre a arte e o mundo da moda. De certa maneira, todos os elementos estético-formais ou simbólicos usados para analisar a arte podem ser encontrados nas imagens do cotidiano e, particularmente, na moda. Na medida em que os objetos do vestuário ganham os espaços dos museus ou que movimentos artísticos ganham as ruas, assimilamos com naturalidade esta aproximação contaminadora. Todavia, quando se trata de imagens cotidianas, de comunicação visual ou produção de massa, notamos certa resistência na manutenção dos mesmos critérios; os discursos são tomados como frágeis e superficiais, interpretados como elementos vazios de um espetáculo de intenções. Maffesoli lembra a necessidade de deixar de lado o “moralismo intelectual” que circunda esta questão. Citando Michel Foucault, afirma a necessidade de abrirmo-nos para a “estética da existência”, integrando o uso dos prazeres na compreensão da vida social (1996). O objeto-roupa ou a roupa-acontecimento pode ser considerada em uma dimensão funcional, mas também em seus aspectos estéticos; pode ser arte e moda, sempre passível de ser sacralizada ou futilizada.

Ao encontrar diversos materiais, nosso casal estabelece várias e inusitadas combinações e quando julgam terem encontrado uma forma nova, um “novo visual”, se fotografam, alimentando sua coleção de objetos únicos e também garantem que não repetirão a composição. As peças individuais são sempre reformuladas e recombinadas para a criação de novas roupas. Lenços e tecidos com caimento são as peças-chaves no guarda-roupa de Beth, elas são amarradas aleatoriamente conforme as formas com que o tecido vai assumindo. Esculpe-se em cada vestido.

Isso que se dá com Beth e Davi pode ser encontrado em vários blogs de moda onde as pessoas se fotografam e a partir das imagens discutem e trocam sugestões. Alguns fotografam pessoas pelas ruas, divulgando composições interessantes. Paris, Milão, Londres, Tóquio, Nova Iorque, as capitais da moda vão sendo visitadas virtualmente. As múltiplas referências internacionais invadem e são invadidas pelos indivíduos através da costura de idéias e imagens trocadas através da internet. A globalização permite o jogo das formas socializadas e descentralizadas. Os meios de comunicação multiplicam as experiências interativas que intensificam as dinâmicas de transformação do mundo, das possibilidades de ser, dos modos de estar, tornando possível a diversidade e a particularidade na composição corporal em qualquer lugar do mundo, implodindo com o clássico papel das revistas de moda que funcionavam como fontes abalizadas de informação para os que estavam em busca de uma “roupa adequada” e como cartilhas sofisticadas para a reprodução de modelos. Parece que essa hegemonia das Burdas chegou ao fim. Hoje elas convivem com as sugestões de muitos espaços tecnológicos, mais democráticos no sentido em que oferecem uma variedade de opções, sem estabelecer determinismos e apostando na criatividade individual. Atentas a esse protagonismo dos indivíduos, algumas marcas já produzem roupas multifuncionais, peças que podem ser usadas como saia, vestido ou blusa, da mesma forma que Beth faz com suas amarrações de lenços e tecidos variados.

As interatividades permitidas nos espaços virtuais fragilizam as imposições mercadológicas. A criação pessoal escapa ao controle das corporações, enquanto que a comunicação virtual constitui-se em espaços de livre circulação de informações e de troca de experiências, onde os sujeitos são capazes de estabelecer escolhas, de apropriarem-se livremente dos objetos, numa sucessão de gestos mínimos, mas potentes, de resistência e de exploração da capacidade criativa.

Desde os anos 90, cresce a divulgação de um novo conceito de produção individualizada ou singularizada na moda, a customização, que começou a ganhar espaço contra a pasteurização das aparências. Na customização, ainda que tenham uma base padronizada, o usuário faz alterações nas roupas para que se tornem exclusivas. No entanto, segundo Silvia Barros[[3]](#footnote-3), as marcas de moda lançaram a idéia de customização visando não a liberdade de composição individual, mas a clientelização.

 No embate entre as estratégias mercadológicas e as táticas do consumidor, assistimos ao que Michel de Certeau chama de “maneiras de fazer’, ou “performance dos praticantes” que, articuladas sobre os detalhes do cotidiano, possibilitam pequenos sucessos: “vitórias do fraco sobre o mais forte”(1994:47). A falta de dinheiro e a busca nostálgica de elementos do passado incluíram os brechós no circuito da moda, tornando possível a mistura do que se usou em todos os tempos. Em uma situação em que os elementos da moda vão se tornando cada vez mais fragmentados, “quando todos os comprimentos e amplidões são possíveis, quando uma multidão de estilos fica lado a lado”, o paradoxo parece se realizar: torna-se difícil estar fora de moda (Lipovetsky, 2007:142). Talvez a moda venha a ser exatamente aquilo que lhe escapa. Como isso se configura, não sabemos.

Beth e Davi talvez saibam quando dizem: “o estilo é despentear”. A brincadeira consiste na produção de um modo de ser e viver impregnado de inventividade, que vai da roupa à casa em que moram. Beth declara que “Falta coragem às pessoas para construir felicidade, produzir a sua auto-estima. Estar feliz é se assumir para o outro, não importando se está agradando ou não”. Quando alguém diz que é uma “pessoa diferente”, Beth rebate dizendo que é uma “pessoa igual”, mas o visual que cria para si é que é diferente e todos podem agir com a mesma liberdade com que ela o faz. Impossível não registrarmos aqui o que Preciosa fala sobre esse tipo de coragem experienciada por Beth:

 (...) é preciso ter coragem para liberar espaço para certas vivências que destoam das formas domesticadas e costumeiras e abraçar uma infatigável ‘esfera de produção de si mesmo’, em que viver é dizer sim à eterna desacomodação de si. (...) a coragem de se expor existencialmente, não hesitando em ir estrategicamente desmanchando as figuras sólidas que construímos para nós e a partir das quais sabemos funcionar, sempre calculando, instrumentalizando a vida, que passa, nesta concepção, a existir apenas para ser consumida vorazmente. Coragem para recepcionar a crise, que, afinal de contas, nos cria oportunidades de alterar nosso rumo(2007:52).

Nos preparativos das bodas de prata, os amigos se inquietaram na expectativa de saber como se vestiriam, fizeram apostas e adivinhações, o que os motivou ainda mais no esforço de criarem algo realmente especial. Um esforço sem muitos planos: não definiram nada de específico, simplesmente compraram tudo o que gostaram e começaram a testar as combinações.

**Considerações finais**

****

Figura 2: Beth e Davi. Foto: Thais J. Castro

Essa tomada de liberdade é o diferencial e, claro, o espetáculo criado em torno da imagem também nos remete às características cruciais do mundo contemporâneo como a participação dos espectadores, o envolvimento, a recepção, a curiosidade. Tal como na arte, que afasta de si a idéia de “obra” e elege o processo como o fim em si mesmo - também na moda, ou nessa moda fora do circuito oficial-, o percurso da criação importa tanto ou mais que o resultado, permitindo que a moda mostre-nos “a pluralidade das relações que vão constituir a pessoa na sua relação consigo mesmo, com outrem e com o mundo” (Maffesoli, 1996:316). A comunhão de opiniões e informações impulsiona a invenção, a coletividade e gera moda. Não uma moda que fala da arte ou vice-versa, mas uma moda que se constrói como tal, híbrida, difusa e imprevisível.

**Bibliografia:**

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais**: teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

CALDAS, Dario. **Universo da Moda**. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 1999.

CASTILHO, Kathia, MARTINS, Marcelo M**. Discursos da Moda**: semiótica, design e corpo. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2005. (Coleção Moda e Comunicação).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: v.1. Artes de fazer. 10ªed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.

FEGHALI, Marta K. Dwyer, Daniela. **As engrenagens da moda.** Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades. 10ªed. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFESSOLI, Michel, **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MATOS, Olga.O sex appel da imagem e a insurreição do desejo. In:\_\_\_\_\_\_ **Muito além do espetáculo** - org. Adauto Novaes. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética**. Notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

SENAC. DN. **A Moda no século XX**. Maria Rita Coutinho; Máslova Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005. II. 320p. Inclui bibliografia.

TREPTOW, Doris. **Inventando Moda**: planejamento de coleção. Brusque: D. Treptow, 2003.

**Pesquisa eletrônica:**

BARROS, Silvia. **Customização**: criatividade enlatada. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/tendencias_new/customizacao/index.htm>>. Acesso: 02/05/2009.

MEDEIROS, Amanda. **Moda enlatada**. Disponível em: <<http://www.convergencia.jor.br/cult/Amanda/moda_enlatada.htm>>. Acesso: 02/05/2009.

1. Dario Caldas faz uma crítica a esta situação na obra Observatório de sinais. [↑](#footnote-ref-1)
2. SENAC. DC. **A Moda no século XX**/ Maria Rita Coutinho; Máslova Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.II.320p. Inclui bibliografia. [↑](#footnote-ref-2)
3. Silvia Barros, produtora e consultora de moda, no texto “Customização: criatividade enlatada”, disponível em: <<http://www2.uol.com.br/modabrasil/tendencias_new/customizacao/index.htm>>. Acesso: 02/05/2009. [↑](#footnote-ref-3)